

SOBRE O ESTUDAR E O ESTUDANTE

(Primeira Lição de um Curso)*

José Ortega y Gasset

Digitalizado em dezembro de 2009

Espero que durante este curso venham a entender perfeitamente a frase que, depois desta, vou pronunciar.

A frase é esta: “vamos estudar Metafísica e isso que vamos fazer é uma falsidade”. Trata-se de uma afirmação à primeira vista chocante, mas a perplexidade que produz não lhe retira a dose de verdade que possui. Note-se que, nesta frase, não se diz que a Metafísica seja uma falsidade: a falsidade é atribuída, não à Metafísica, mas ao fato de nos pormos a estudá-la. Não se trata pois da falsidade de um ou de muitos dos nosso pensamentos, mas da falsidade de um fazer nosso, da falsidade daquilo que agora vamos fazer: estudar uma disciplina. Na verdade, uma tal afirmação não vale apenas para a Metafísica, se bem que valha eminentemente para ela. O que essa afirmação quer significar é que todo o estudar é, em geral, uma falsidade.

Não parece que uma frase e uma tese como esta sejam as mais oportunas para serem ditas por um professor aos seus alunos, sobretudo no início de um curso. Dir-se-á que equivalem a recomendar a ausência, a fuga; que constituem um convite para que os alunos se vão embora, para que não voltem. Veremos daqui a pouco se isso acontece: se vos ides embora, se não regressais *em consequência* de eu ter começado por enunciar uma tamanha enormidade pedagógica. Talvez aconteça o contrário, talvez que esta inaudita afirmação vos interesse. Entretanto,

*Este texto, publicado autonomamente em *La Nation* de Buenos Aires em 1933 (título em que figura nas *Obras Completas* de Ortega y Gasset, cf. adiante “Origem dos textos”, p. 104), constitui a primeira parte da primeira aula de um curso de Metafísica ministrado por Ortega Y Gasset na Universidade de Madrid em 1932-33 e cuja edição só postumamente foi publicada sob o título “*Unas Lecciones de Metafísica*” (Madrid: Alianza Editorial, 1966). Em *Apêndice*, apresentam-se as páginas que, aí, lhe davam continuidade, ficando assim integralmente traduzido o texto da primeira lição. (N.T.)

quer decidam ir-se embora, quer resolvam ficar, vou tentar aclarar o seu significado.

Eu não disse que estudar fosse inteiramente uma falsidade. É possível que estudar contenha facetas, aspectos, ingredientes que não sejam falsos. No entanto, basta que alguma dessas facetas, aspectos, ou ingredientes constitutivos do estudar sejam falsos para que o meu enunciado seja verdadeiro.

Ora, esta última consideração parece-me indiscutível. Por uma simples razão. As disciplinas, seja a Metafísica ou a Geometria, existem, estão aí, porque alguns homens as criaram mercê de um grande esforço e, se se esforçaram, é porque necessitavam delas, porque sentiam a sua falta. As verdades que essas disciplinas contém foram originariamente encontradas por um determinado homem, e depois, repensadas e reencontradas por muitos outros que adicionaram o seu esforço ao dos primeiros. Se esses homens as encontraram foi porque as procuraram e, se as procuraram, foi porque necessitavam delas, porque, por uma qualquer razão, não podiam prescindir delas. Se não as tivessem encontrado, teriam considerado as suas vidas como fracassadas. Inversamente, se encontraram o que procuravam, é porque isso que encontraram se adequava a uma necessidade que sentiam. Trata-se de algo rebuscado, mas que, no entanto, é muito importante. Dizemos que encontramos uma verdade quando alcançamos um pensamento que satisfaz uma necessidade intelectual previamente sentida por nós. Se não sentimos falta desse pensamento, ele não será para nós uma verdade. Dito de outro modo, verdade é aquilo que aquietava uma inquietude da nossa inteligência. Sem esta inquietude, não se dá aquele aquietamento. De forma semelhante, dizemos que encontramos uma chave quando temos nas nossas mãos um objeto que nos serve para abrir um armário que necessitávamos abrir. A procura aquietava-se com o encontrar: este é a função daquela.

Generalizando, diremos que uma verdade só existe propriamente para quem dela tem falta, que uma ciência não é ciência senão para quem empenhadamente a procura; enfim, que a Metafísica não é Metafísica senão para quem dela necessita.

Para quem dela não necessita, para quem não a procura, a Metafísica é uma série de palavras, ou, se se preferir, de idéias; idéias que, embora possamos julgar tê-las entendido, carecem definitivamente de sentido. Isto é, para entender verdadeiramente algo, e sobretudo a Metafísica, não faz falta ter isso a que se chama talento nem possuir

grandes sabedorias prévias. O que faz falta é uma condição elementar mas fundamental: o que faz falta é necessitar dela.

Há certamente diversas formas de necessidade, de falta. Se alguém inexoravelmente me obriga a fazer alguma coisa, fá-lo-ei necessariamente e, no entanto, a necessidade deste meu fazer não é minha, não surgiu em mim, antes me foi imposta a partir de fora. Pelo contrário, se, por exemplo, sinto necessidade de passear, então esta necessidade é minha, brota de mim — o que não quer dizer que seja um capricho, uma fantasia. Não! é uma necessidade que, tendo embora o caráter de uma imposição, não se origina à minha revelia. É-me imposta a partir de dentro do meu ser, razão pela qual a sinto efetivamente como necessidade *minha*. Porém, se, ao sair para passear, um polícia de trânsito me obriga a seguir numa determinada direção, sou confrontado com um outro tipo de necessidade, necessidade que já não é minha mas que, pelo contrário, me é imposta do exterior e face à qual, o mais que posso fazer, é convencer-me por reflexão das suas vantagens e, em consequência, aceitá-la. Mas, aceitar uma necessidade, reconhecê-la, não é senti-la, percebê-la imediatamente como uma necessidade minha; é antes uma necessidade que provém das coisas, que me vem delas, forasteira, estranha. Designá-la-emos por necessidade mediata por oposição à necessidade nascida de mim, que tem em mim as suas raízes, indígena, autóctone, autêntica.

Há uma expressão de São Francisco de Assis na qual estas duas formas de necessidade aparecem sutilmente contrapostas. São Francisco costumava dizer: “Eu necessito de pouco e, desse pouco, necessito muito pouco.” Na primeira parte da frase, São Francisco alude às necessidades exteriores ou mediatas; na segunda, às necessidades íntima, autênticas e imediatas. Como todos os seres vivos, São Francisco necessitava de comer para viver. Mas, nele, esta necessidade exterior era muito fraca. Isto é, materialmente falando, São Francisco necessitava de comer muito pouco para viver. Além disso, fazia parte de sua atitude íntima não sentir grande necessidade de viver, ter pouco apego efetivo à vida, razão pela qual sentia pouca necessidade íntima da necessidade externa de se alimentar.

Mas, continuemos. Quando o homem se vê obrigado a aceitar uma necessidade externa, mediata, fica colocado numa situação equívoca, bivalente, que equivale a ser convidado a fazer sua — ou seja, aceitar — uma necessidade que não é sua. Quer queira quer não, tem de comportar-se *como* se fosse sua. É assim convidado para uma ficção,

para uma falsidade. E, mesmo que ponha toda a sua boa vontade em conseguir sentir como sua essa necessidade, não está garantido, nem sequer é provável, que o consiga.

Feito este esclarecimento, procuremos determinar em que consiste essa situação normal do homem a que se chama estudar. Como usamos o vocábulo estudar no sentido do estudar próprio do estudante, tal equivale a perguntarmo-nos o que é o estudante. Encontramo-nos então com uma afirmação tão surpreendente como aquela frase escandalosa com que iniciei este curso. Damo-nos conta de que o estudante é um ser humano, masculino ou feminino, a quem a vida impõe a necessidade de estudar ciências sem delas ter sentido uma imediata e autêntica necessidade. Se deixarmos de lado alguns casos excepcionais, reconheceremos que, na melhor das hipóteses, o estudante sente uma necessidade sincera, embora vaga, de estudar “algo”, algo *in genere*, isto é, de “saber”, de se instruir. Mas o caráter vago deste desejo é revelador da sua frágil autenticidade. É evidente que este estado de espírito nunca conduziu à criação de nenhum saber porque o saber é sempre um saber concreto, um saber precisamente isto ou precisamente aquilo, e, de acordo com a lei que tenho vindo a sugerir — a lei da funcionalidade entre o procurar e o encontrar, entre a necessidade e a satisfação — aqueles que criaram um saber sentiram, não um vago desejo de saber, mas uma concretíssima necessidade de averiguar uma determinada coisa.

Daqui decorre que, na melhor das hipóteses — e, repito, salvas as devidas exceções — o desejo de saber que o bom estudante possa sentir é completamente heterogêneo, talvez mesmo antagônico, com o estado de espírito que levou à criação do saber. A situação do estudante perante a ciência é oposta à do criador. Senão vejamos: a ciência não existe antes do seu criador. O criador não se encontrou primeiro diante da ciência tendo, posteriormente, sentido necessidade de a possuir. O que aconteceu foi que o criador começou por sentir uma necessidade vital e não científica, procurou a sua satisfação e, ao encontrá-la em determinadas idéias, resultou que estas eram a ciência.

Pelo contrário, o estudante encontra-se desde logo com a ciência: já feita, semelhante a uma serrania que se levanta à sua frente e lhe barra o seu caminho vital. Na melhor das hipóteses, repito, o estudante gosta da serrania da ciência, é atraído por ela, acha-a bonita, ela promete-lhe triunfos na vida. Mas, nada disto tem a ver com a necessidade autêntica que está na origem da criação da ciência. A prova está em que esse

desejo geral de saber é incapaz, por si só, de se concretizar num saber determinado. Além disso, repito, não é propriamente o desejo que está na origem do saber mas a necessidade. O desejo não existe se, previamente, não existir a coisa desejada, seja na realidade, seja pelo menos na imaginação. Aquilo que não existe ainda, não pode provocar desejo. Os nossos desejos são desencadeados pelo contato com o que já está aí. Em contrapartida, a necessidade autêntica existe sem que aquilo que poderia satisfazê-la tenha que lhe preexistir, ao menos em imaginação. Necessita-se precisamente daquilo que não se tem, do que falta, do que não existe. E a necessidade, a falta, são-no tanto mais quanto menos se tenha, quanto menos exista aquilo que se necessita.

Não é necessário sair do nosso tema para esclarecermos este ponto: basta comparar o modo de aproximação à ciência já feita de quem apenas a vai estudar com o de quem dela sente uma autêntica e sincera necessidade. O primeiro, tenderá a não questionar o conteúdo da ciência, a não a criticar. Tenderá mesmo a reconfortar-se, pensando que o conteúdo da ciência já feita tem um valor definitivo, é a verdade pura. Procurará, isso sim, assimilá-la tal como ela já está aí. Por seu lado, aquele que sente falta de uma ciência, aquele que sente uma profunda necessidade de verdade, aproximar-se-á de forma cautelosa do saber já feito, cheio de desconfiança, submetendo-o à crítica; muito provavelmente, partindo mesmo do pressuposto de que aquilo que os livros ensinam não é verdade. Em suma, precisamente porque sente com radical angústia a necessidade de um saber, pensará que esse saber não existe ainda e procurará desfazer o que lhe apresenta como já feito. São assim os homens que constantemente corrigem, renovam, recriam a ciência.

Ora, não é este o sentido normal do estudar do estudante. Se a ciência não estivesse já aí, o bom estudante não sentiria qualquer necessidade dela, quer dizer, não seria estudante. Estudar é para ele uma necessidade externa, que lhe é imposta. Portanto, ao colocar o homem na situação de estudante, este é obrigado a fazer algo de falso, a fingir uma necessidade que não sente.

Várias objeções são aqui possíveis. Dir-se-á, por exemplo, que há estudantes que sentem profundamente a necessidade de resolver determinados problemas constitutivos desta ou daquela ciência. É verdade que os há. Mas é impróprio designá-los por estudantes. Impróprio e injustificado. Trata-se de casos excepcionais, criaturas que, mesmo que não existissem estudos ou ciências, inventá-los-iam por si mesmos,

sozinhos, melhor ou pior; criaturas que, por uma inexorável vocação, dedicariam todo o seu esforço a investigar. Mas, e os outros? E a imensa maioria normal? São estes e não aqueles que realizam o verdadeiro sentido — não utópico — das palavras “estudar” e “estudante”. São estes que é injusto não reconhecer como os verdadeiros estudantes. É pois em relação a estes que se deve colocar o problema de saber o que é estudar enquanto forma e tipo do fazer humano.

É um imperativo do nosso tempo — cujas graves razões exporei um dia, neste curso — sentirmo-nos obrigados a pensar as coisas no seu ser desnudado, efetivo e dramático. É essa a única maneira de nos enfrentarmos verdadeiramente com elas. Seria encantador que, ser estudante, significasse sentir uma vivíssima urgência por este ou por aquele saber. Mas, a verdade, é estritamente o contrário: ser estudante é ver-se alguém obrigado a interessar-se diretamente por aquilo que não o interessa ou que, em última análise, o interessa apenas de forma vaga, genérica ou indireta.

A outra objeção que se pode colocar ao que acima foi dito consiste em recordar o fato indiscutível de que os jovens têm uma curiosidade sincera e inclinações peculiares. O estudante, dir-se-á, não é um estudante em geral; estuda ciência ou letras, o que supõe já uma predeterminação do seu espírito, uma apetência menos vaga e que não é imposta a partir de fora. Creio que no século XIX se deu demasiada importância à curiosidade e às inclinações, pretendo nelas fundar coisas demasiado graves, quer dizer, demasiado importantes para que possam ser sustentadas por entidades tão pouco sérias como a curiosidade e as inclinações.

A palavra “curiosidade”, como tantas outras, tem um duplo sentido: um, primário e substancial; outro, pejorativo e por excesso. O mesmo se passa com a palavra “amador”, a qual tanto significa aquele que ama verdadeiramente alguma coisa, como aquele que é apenas um *amateur*¹. O sentido próprio da palavra “curiosidade” vem da raiz latina (para a qual Heidegger chamou recentemente a atenção) *cura*, cuidado, aflição, aquilo a que chama preocupação. De *cura* vem curiosidade. Assim se explica que, na linguagem vulgar, um homem curioso seja um homem cuidadoso, quer dizer, um homem que faz o que tem a fazer com atenção, rigor extremo e beleza, que não se despreocupa daquilo que o ocupa; que, pelo contrário, se preocupa com a sua ocupação. No espanhol antigo, *cuidar* era preocupar-se, *curare*. Este

¹Em francês no original. (N.T.)

sentido originário de *cura* conserva-se ainda hoje nas palavras curador, procurador, procurar, curar e mesmo na palavra “cura” enquanto sacerdote, alguém que tem por missão curar as almas. Curiosidade é pois cuidadosidade, preocupação. Inversamente, *incúria* significa descuido, despreocupação e a palavra segurança, *securitas*, significa ausência de cuidados e de preocupações.

Se, por exemplo, procuro as chaves, é porque me preocupo com elas e, se me preocupo com elas, é porque necessito delas para fazer alguma coisa, para me ocupar.

Quando esta preocupação se exerce mecanicamente, insinceramente, sem motivo suficiente, degenera em indiscrição. Estamos então perante um vício humano que consiste em fingir cuidado por aquilo que, em rigor, não nos dá cuidado, uma falsa preocupação com coisas que, na verdade, não nos vão ocupar e, portanto, a incapacidade de uma autêntica preocupação. É isto que significam os vocábulos “curiosidade” e “ser um curioso” se usados de forma pejorativa.

Daí que, quando se diz que a curiosidade leva à ciência, das duas uma: ou nos referimos àquela sincera preocupação pela ciência, aquilo a que antes chamei “necessidade imediata e autônoma” a qual, como também reconhecemos, não pode ser sentida pelo estudante de quem quer meter o nariz em todas as coisas, o que não creio que possa servir para fazer de alguém um homem de ciência.

Estas objeções são no entanto vãs. Deixemo-nos de idealizações acerca da rude realidade, de posições beatas que nos conduzem a diminuir, esfumar adoçar os problemas, a limpar as suas mais agudas cruizas. O fato é que o estudante-tipo é um homem que não sente necessidade direta da ciência, que não está preocupado com ela e que, no entanto, se vê forçado a ocupar-se dela. Aqui se manifesta desde logo a falsidade geral do estudar. Em seguida, vem a necessidade de uma concretização quase perversa pelo particular: o estudante é obrigado, não a estudar em geral, mas sim a confrontar-se com uma situação em que, quer queira quer não, o estudar lhe aparece dissociado em cursos especiais, cada qual constituído por disciplinas singulares, por esta ou aquela ciência. E quem poderá pretender que um jovem, num certo momento da sua vida, possa sentir uma efetiva necessidade por uma ciência determinada inventada um belo dia pelos seus antecessores?

Daquilo que, para os criadores da ciência, foi uma necessidade tão autêntica e viva que a ela dedicaram toda a sua vida, faz-se agora uma necessidade morta e um falso saber. Não tenhamos ilusões: com um tal

estado de espírito, não se pode chegar a saber o saber humano. Estudar é pois algo constitutivamente contraditório e falso. O estudante é uma falsificação do homem. Ser homem é ser propriamente só o que se é autenticamente, por íntima e inexorável necessidade. Ser homem não é ser — ou, o que é o mesmo — fazer qualquer coisa, mas ser o que irremediavelmente se é. Há muitos modos distintos e igualmente autênticos de ser homem. O homem pode ser homem de ciência, homem de negócios, homem político, homem religioso porque todas estas coisas são, como veremos, necessidades constitutivas e imediatas da condição humana. Mas, por si mesmo, o homem nunca seria estudante, da mesma maneira que, por si mesmo, o homem nunca seria contribuinte. *Tem* que pagar contribuições, *tem* que estudar, mas não *é*, nem contribuinte, nem estudante. Ser estudante, tal como ser contribuinte, é algo “artificial” que o homem se vê obrigado a ser.

Estamos perante uma afirmação que, podendo de início ser chocante, consubstancia afinal a tragédia constitutiva da pedagogia. É porém deste paradoxo tão cruel que, em minha opinião, deve partir a reforma da educação.

Tendo em vista que a atividade, o fazer que a pedagogia regula e a que chamamos estudar, é, em si mesmo, algo de humanamente falso, nunca será demais sublinhar que, mais do que em qualquer outra ordem da vida, é no ensino que a falsidade é mais tolerada, constante e habitual. Todos sabemos que também há uma falsa justiça, que se cometem abusos nos julgamentos e nas audiências. Mas, cada um dos que me escuta poderá perceber pela sua própria experiência que nos daríamos por muito contentes se, na realidade do ensino, não existissem mais insuficiências, falsidades e abusos do que os que ocorrem na ordem jurídica. Na verdade, o que aí se considera como abuso intolerável — a saber, que não seja feita justiça — é quase a ordem do dia no ensino: o estudante não estuda e, se estuda, pondo nisso toda a sua boa vontade, não aprende. Claro que, se o estudante não aprende, seja por que razão for, o professor não poderá dizer que ensina. No máximo, poderá dizer que tenta ensinar mas que não consegue.

Entretanto, amontoa-se gigantescamente, geração após geração, a mole pavorosa dos saberes humanos que o estudante tem que assimilar, tem que estudar. Quanto mais o saber aumenta, quanto mais se enriquece e especializa, mais longínqua será a possibilidade de que o estudante sinta uma necessidade imediata e autêntica desse saber. Quer isto dizer que cada vez haverá menor congruência entre esse triste fazer

humano que é estudar e o admirável fazer humano que é o verdadeiro saber. Trata-se de uma situação que irá aumentar ainda mais a terrível dissociação, iniciada pelo menos há um século, entre a cultura viva, o saber autêntico, e o homem médio. Como a cultura, ou o saber, só tem realidade se responde e satisfaz, em qualquer medida, necessidades efetivamente sentidas e, como a forma de transmitir a cultura é o estudar, o qual não implica que essas necessidades sejam sentidas, o que acontece é que a cultura, ou o saber, vai ficando a pairar no ar, sem raízes de sinceridade no homem médio, obrigado apenas a ingurgitá-la, a engoli-la. Introduce-se na mente humana um corpo estranho, um repertório de idéias mortas, não assimiláveis, ou, o que é o mesmo, mortas. Esta cultura sem raízes no homem, que não brota espontaneamente dele, não é autóctone ou indígena; é antes algo de imposto, extrínseco, estranho, estrangeiro, ininteligível, em suma, irreal. Sob a cultura recebida mas não autenticamente assimilada, o homem ficará intacto, quer dizer, ficará inculto: quer dizer, ficará bárbaro. Quando o saber era menor, mais elementar e mais orgânico, era mais fácil poder ser verdadeiramente sentido pelo homem médio que então o assimilava, o recriava e revitalizava dentro de si. Assim se explica o paradoxo colossal destes últimos decênios: o fato de um gigantesco progresso da cultura ter produzido um tipo de homem como o atual, indiscutivelmente mais bárbaro que o de há cem anos. Assim se explica também que a aculturação ou acumulação da cultura esteja a produzir, de forma paradoxal mas automática, uma rebarbarização da humanidade.

No entanto, como todos compreenderão, não se resolve este problema dizendo: “Pois bem, se estudar é uma falsidade do homem e, além disso, leva, ou pode levar, a tais conseqüências, então que não se estude!”. Dizer isto não seria resolver o problema, mas antes ignorá-lo de forma simplista. Estudar e ser estudante é sempre, e sobretudo hoje, uma necessidade inexorável do homem. Quer queira quer não, o homem tem que assimilar o saber acumulado, sob pena de sucumbir individual e coletivamente. Se uma geração deixasse de estudar, nove décimos da humanidade atual morreria fulminantemente. O número de homens que hoje estão vivos só pode subsistir mercê da técnica superior de aproveitamento do planeta que as ciências tornaram possível. É certo que as técnicas vivem do saber e, se este não puder ser ensinado, chegará a hora em que também as técnicas sucumbirão.

Há pois que estudar! Estudar é, repito, uma necessidade do homem, ainda que uma necessidade externa, mediata, como o é para

mim seguir pela direita se a isso sou obrigado pelo polícia de trânsito quando sinto necessidade de passear.

Há porém uma diferença essencial entre estas duas necessidades externas — o estudar e o seguir pela direita — e é essa diferença que transforma o estudar num problema substancial. Para que a circulação funcione perfeitamente, não é preciso que eu sinta uma necessidade íntima de seguir pela direita. Basta que, de fato, siga por essa direção, basta que aceite, que finja sentir essa necessidade. Com o estudar, porém, não acontece o mesmo: para que eu entenda verdadeiramente uma ciência não basta que finja existir em mim a necessidade dela, ou, o que é a mesma coisa, não basta que tenha vontade de a aceitar; numa palavra, não basta que estude. Para além disso, é necessário que eu sinta autenticamente necessidade dessa ciência, que as suas questões me preocupem espontânea e verdadeiramente. Só assim entenderei as soluções que ela dá, ou pretende dar, a essas questões. Ninguém pode entender uma resposta sem previamente ter sentido a pergunta a que ela responde.

O estudar é pois diferente do caminhar pela direita. Neste caso, é suficiente que eu desempenhe bem a minha obrigação para que o efeito desejado se verifique. Naquele, não. Não basta que eu seja um bom estudante para que consiga assimilar a ciência. O estudar é, portanto, um fazer humano que se nega a si mesmo, que é simultaneamente verdade — a necessidade e a inutilidade — que o estudar é um problema. Um problema é sempre uma contradição que a inteligência encontra à sua frente, que a atrai para duas direções opostas e que ameaça levá-la a perder-se.

A solução para um problema tão cruel e dilacerante decorre de tudo o que se disse atrás. Ela não consiste em decretar que não se estude, mas em reformar profundamente esse fazer humano que é estudar e, conseqüentemente, o ser do estudante. Para isso, é necessário virar o ensino do avesso e dizer: ensinar é primária e fundamentalmente ensinar a necessidade de uma ciência e não ensinar uma ciência cuja necessidade seja impossível fazer sentir ao estudante.

APÊNDICE²

Mas, talvez que alguns de vós estejam neste momento a perguntar: que tem tudo isto a ver com um curso sobre Metafísica? Como disse

²Cf. *atrás*, nota 1.

logo de início, espero que durante este curso venham a entender, não só que o que atrás se disse tem a ver com a Metafísica, como também que já estamos nela. Para já, vou dar uma justificação mais clara do fato de assim ter começado, antecipando para tal uma primeira definição de Metafísica, tão modesta que ninguém se atreva a pô-la em dúvida. Digamos que a Metafísica é alguma coisa que o homem faz, ou, pelo menos, que alguns homens fazem. Veremos, daqui a pouco, que todos a fazem ainda que disso se não dêem conta. Mas, esta definição não é suficiente porque o homem faz muitas coisas e não apenas Metafísica. Mais ainda, o homem faz agricultura, faz política, faz indústria, faz versos, faz ciência, faz paciência, e mesmo quando parece que nada faz, espera, e esperar — a vossa experiência o confirmará — é por vezes um terrível e angustioso fazer: é fazer tempo. E aquele que nem sequer espera, aquele que não faz verdadeiramente nada, o *faitnéant*³, esse, faz o nada, quer dizer, sustém e suporta o nada de si mesmo, o terrível vazio vital a que chamamos aborrecimento, *spleen*⁴, desespero. Quem não espera, desespera. Trata-se então de um fazer horrível, que implica um duro esforço, um dos esforços que o homem menos consegue aguentar e que o pode levar a fazer o nada efetivo e absoluto — aniquilar-se, suicidar-se.

Entre tantos e tão variados fazeres humanos, como reconhecer então o fazer peculiar da Metafísica? Para isso, terei que antecipar uma segunda definição, mais determinada: o homem faz Metafísica quando busca uma orientação radical para a sua situação.

Mas, qual é a situação do homem? O homem encontra-se, não em uma, mas em muitas situações distintas. Por exemplo, cada um de vós, neste momento, encontra-se numa situação que, por acaso, consiste em estar a começar a estudar Metafísica, tal como, há duas horas atrás, se encontrava noutra situação e, amanhã, se encontrará numa outra. Ora bem, todas essas situações, por diferentes que sejam, coincidem em ser parcelas da vossa vida. Quero eu dizer com isto que a vida do homem se compõe de situações, assim como a matéria se compõe de átomos. Sempre que se vive, vive-se numa determinada situação. Mas, é evidente que nessas situações vitais, por muito distintas que sejam, haverá um estrutura elementar, fundamental, que faz com todas elas sejam situações do homem. Essa estrutura genérica será aquilo que elas têm essencialmente de vida humana. Dito de outro modo, quaisquer que

³Em francês no original (N.T.)

⁴Em inglês no original (N.T.)

sejam os ingredientes variáveis que formam a situação em que me encontro, é evidente que essa situação é um viver. Podemos pois concluir: a situação do homem é a vida, é viver.

Dizemos que a Metafísica consiste na procura pelo homem de uma orientação radical para sua situação. Mas, isto supõe que a situação do homem — isto é, a sua vida — consiste numa radical desorientação. Não que o homem, na sua vida, se encontre desorientado de forma parcial, neste ou naquele aspecto, nos seus negócios, no seu caminhar pela paisagem, na política. Aquele que se desorienta no meio de um campo, procura um mapa, uma bússola, ou pergunta a um transeunte, e isto basta para se orientar. A nossa definição pressupõe, pelo contrário, uma desorientação total, radical, quer dizer, não que aconteça ao homem desorientar-se, perder-se na sua vida, mas que a situação do homem, a vida, é desorientação, é estar perdido — e, por isso — existe a Metafísica.

* * *

Tipografado em L^AT_EX; sendo que a fonte utilizada no miolo é Adobe® Newbaskerville.